

Atena
Editora
2019

**Denise Pereira
(Organizadora)**

Diversidades: Diferentes, não Desiguais 3



Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais 3 /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-092-6

DOI 10.22533/at.ed.926190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE – NARRATIVAS QUE ROMPEM COM AS FRONTEIRAS DA IDENTIDADE	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.9261905021	
CAPÍTULO 2	14
COMUNIDADE QUILOMBOLA CONTENTE: TRAÇOS DA MEMÓRIA	
Francisca das Chagas da Silva Alves Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.9261905022	
CAPÍTULO 3	25
DO CANDOMBLÉ ÀS CIÊNCIAS MÉDICAS: CUIDADO, CURA E EDUCAÇÃO MÉDICA SUSTENTÁVEL	
Luysa Gabrielly de Araujo Moraes Regina Moraes da Silva Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.9261905023	
CAPÍTULO 4	34
ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE: RACISMO E SEXUALIDADE EM ANJO NEGRO DE NELSON RODRIGUES	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9261905024	
CAPÍTULO 5	45
FRUIÇÃO E MAGIA: DO SILENCIAMENTO À VISIBILIDADE NEGRA NA LEITURA DE LIVROS DE LITERATURA DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Sara da Silva Pereira Vanessa de Senia Monteiro Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.9261905025	
CAPÍTULO 6	55
MÍDIA E NEGRITUDE: O USO DOS FILMES NA (DES) CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS	
Izaque Pereira de Souza Teresa Kazuko Teruya Wellington Junior Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.9261905026	
CAPÍTULO 7	67
O RISO E O LÚDICO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRO NOS POEMAS SATÍRICOS DE LUIZ GAMA	
Josineide Carvalho Costa Herasmo Braga de Oliveira Brito	
DOI 10.22533/at.ed.9261905027	

CAPÍTULO 8	79
PRECONCEITO RACIAL VIVENCIADO PELA PERSONAGEM CLARA DOS ANJOS NO ROMANCE HOMÔNIMO DE LIMA BARRETO	
Leonice Rosa da Cunha Abreu Zenaide Lima de Sousa Elio Ferreira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9261905028	
CAPÍTULO 9	82
RELAÇÕES SOCIAIS DO BRASIL: DO COMÉRCIO ESCRAVISTA DO SÉCULO XVIII AO COMÉRCIO SOLIDÁRIO DO SÉCULO XXI	
João Batista Romualdo Alves	
DOI 10.22533/at.ed.9261905029	
CAPÍTULO 10	87
UMA ÁFRICA VIVA EM SALA DE AULA: OFICINAS DE AFROSABERES	
Hinara Dias Juca Leididaiane Inácio de Sá Ana Técia de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.92619050210	
CAPÍTULO 11	95
VIDA E MORTE QUILOMBOLA	
Adelmir Fiabani	
DOI 10.22533/at.ed.92619050211	
CAPÍTULO 12	109
LA LECTURA INMAGÉTICA VIRTUAL IDEOLÓGICA Y GLOBALIZADA DE ÁFRICA	
Sérgio Rodrigues de Souza Liliane Rodrigues de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.92619050212	
CAPÍTULO 13	116
VISÕES CRÍTICAS SOBRE O PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA COM BASE NAS AÇÕES AFIRMATIVAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS	
Cláudio José Araújo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92619050213	
CAPÍTULO 14	124
CORPOS DEFICIENTES E DIFERENTES: DISCURSO SOBRE A DIVERSIDADE E A POLÍTICA DE INCLUSÃO NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO	
Terezinha Richartz	
DOI 10.22533/at.ed.92619050214	
CAPÍTULO 15	133
HISTÓRIA, AÇÕES E REPERCUSSÕES DO PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA	
Deyse Morgana das Neves Correia	
DOI 10.22533/at.ed.92619050215	

CAPÍTULO 16	147
INTERFACES DAS PRÁTICAS DOCENTES COM A LEI 10.639/2003 NO IFCE/CAMPUS JUAZEIRO DO NORTE	
Maria Virândia de Moura Luz Erivana D’Arc Daniel da Silva Ferreira Rosilêa Agostinha de Araújo Marcus Vinicius de Oliveira Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.92619050216	
CAPÍTULO 17	157
NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: COMO A ESCOLA CONTEMPORÂNEA LIDA COM ISSO	
Angela Maria Venturini Emília Naura Santos Bouzada Alexandra Sudário Galvão Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.92619050217	
CAPÍTULO 18	167
NOTAS PARA O DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E FORMAÇÃO DOCENTE	
Patrícia Fernanda da Costa Santos Luciêlio Marinho da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.92619050218	
CAPÍTULO 19	182
O JOGO MANCALA – UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA UMA ABORDAGEM EM HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Denise Aparecida Enes Ribeiro José Augusto Pereira Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050219	
CAPÍTULO 20	189
PROJETO PEDAGÓGICO, CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DE ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SANTA RITA	
Daniele De Souza Farias	
DOI 10.22533/at.ed.92619050220	
CAPÍTULO 21	203
O CORPO NA EXPOSIÇÃO “BOSQUE” DE VELICASTELO	
Guilhermina Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92619050221	
CAPÍTULO 22	212
LEITURAS DO CORPO EM TRÊS OBRAS DE HELONEIDA STUDART	
Juliana Braga Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050222	
CAPÍTULO 23	222
MÍDIA E POLÍTICA: A LEGITIMAÇÃO DO SEXISMO	
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves Joselito Santos Tatiana Cristina Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050223	

CAPÍTULO 24	228
A EXTENSÃO COMO POTENCIALIDADE NA DES/CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS	
Cláudio Orlando Gamarano Cabral	
Marilda de Paula Pedrosa	
Michele Priscila Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050224	
CAPÍTULO 25	234
“NOVO MUNDO”: ENTRE A CARICATURA E A VEROSSIMILHANÇA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050225	
CAPÍTULO 26	244
ESTÉTICA DA DISSIMULAÇÃO: A ESTÉTICA PERIFÉRICA DE MACHADO DE ASSIS	
Natalino da Silva de Oliveira	
Joelma de Fátima da Costa Neves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050226	
CAPÍTULO 27	254
LUTA E RESISTÊNCIA NA TRAJETÓRIA DE JOÃO NERY: [TRANS]PASSANDO A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA	
Rafaela Costa de Azevedo	
Michelly Pereira de Sousa Cordão	
DOI 10.22533/at.ed.92619050227	
CAPÍTULO 28	267
O ABC DE PATATIVA DO ASSARÉ ENSINANDO SOBRE MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO NORDESTE FLAGELADO	
Eduarda Maria Moreira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050228	
CAPÍTULO 29	277
NO SEU PESCOÇO, UMA ANÁLISE DO DISCURSO NO CONTO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	
Solange Maria Morais Teles	
Rebeca de Alcântara e Silva Meijer	
Antonia Leda Morais de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.92619050229	
CAPÍTULO 30	285
IDENTIDADES AO LÉO: UMA LEITURA DE “PONCIÁ VICÊNCIO” E DE “O VENDEDOR DE PASSADOS”	
Leonardo Gomes de Souza	
Lídia Maria Nazaré Alves	
Fernanda Soares Wenceslau	
DOI 10.22533/at.ed.92619050230	
SOBRE A ORGANIZADORA	293

A EXTENSÃO COMO POTENCIALIDADE NA DES/CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS

Cláudio Orlando Gamarano Cabral

Secretaria de Educação
Juiz de Fora - MG

Marilda de Paula Pedrosa

Secretaria de Educação
Juiz de Fora - MG

Michele Priscila Gonçalves dos Santos

Secretaria de Educação
Juiz de Fora - MG

RESUMO: Esse artigo busca problematizar os desdobramentos de um curso de extensão cujo objetivo foi contribuir para a formação continuada de educadores, estimular a discussão de questões ligadas às relações de gênero e sexualidade e (re) pensar as ações dos agentes educacionais na escola e fora dela.

PALAVRAS-CHAVE: Formação continuada, gênero, sexualidades, professor/a.

ABSTRACT: This article tries to problematize the unfolding of an extension course whose objective was to contribute to the continuing education of educators, to stimulate the discussion of issues related to gender relations and sexuality and (re) think the actions of educational agents in school and beyond.

KEYWORDS: Continuing education, gender, sexualities, professors.

“O CURSO, DIFERENTE DO QUE EU ESPERAVA, ME FEZ ANTES PENSAR EM MIM”: A EXTENSÃO COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO, INFORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO.

Este artigo surgiu do interesse em problematizar um curso de extensão oferecido para servidores da educação no primeiro semestre de 2016.

A Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora (SME) ofereceu nesse ano 34 cursos de formação em diversos eixos ligados à educação. Um deles foi o curso “Sexualidades e relações de gênero na educação”, uma parceria firmada entre a Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz De Fora (UFJF), o Departamento de Políticas de Formação da SME e o Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED) que coordenou as atividades.

O curso foi realizado no contra turno e contou com 14 encontros semanais paralelamente a atividades não-presenciais, totalizando uma carga horária de 65 horas. A turma foi composta por profissionais da rede pública da cidade, atuantes nas diversas esferas da educação.

O objetivo do curso foi contribuir para a

formação continuada de profissionais da educação, estimular a problematização de questões ligadas às relações de gênero e sexualidade e (re) pensar as ações dos agentes educacionais na escola e fora dela. As discussões pautaram-se nos estudos foucaultianos e nos estudos de gênero e sexualidades, sob a perspectiva dos estudos culturais e pós-estruturalistas.

Foram debatidos assuntos como relações e multiplicidades de gêneros e sexualidades, violência de gênero, transgeneridade, heteronormatividade, identidades LGBTTTIs, conflitos subjetivos entre religiosidade e diversidades sexuais e gênero, possibilidades da abordagem de tais temas nas escolas, entre outros. Ao refletir sobre essas questões relacionando-as ao contexto escolar em um curso de formação continuada foi possível questionar: como ocorre essa “formação”?

Estar em um grupo, atravessado pelas perspectivas teóricas apontadas, acaba por colocar certo desconforto com a palavra **formação**. No dicionário mini Aurélio a palavra formar vem seguida da seguinte definição: “1. Dar a forma a (algo). 2. Ter a forma de. (...) 6. Fabricar, fazer. (...) 9. Tomar forma: (...)” (FERREIRA, 2001, p. 355).

Partindo dessa premissa, propor um curso de formação, trazia uma necessidade de ressignificar essa palavra, construir um sentido que permitisse que as múltiplas formas de ser dos/as participantes do curso não fossem engessadas nesse processo. Pensar uma “formação” que não fixasse o modo de ser, pensar, viver e experienciar de quem participasse.

Era importante tentar despertar um olhar de estranhamento, de desnaturalização para o processo de formatação construído por vezes nos cursos de formação. Desconstruir a ideia de que existe uma receita mágica e universal, que servirá de guia para solucionar todos os problemas que se possa deparar, desconsiderando as diferentes realidades que existem, as diferentes vivências e experiências produzidas por cada sujeito ao longo da sua história. Era preciso construir um processo dinâmico, de desfamiliarização, tornar o curso um locus de possibilidades.

Pensando nessa nova forma de compreender a palavra formação, o que nos diz Larrosa (2002) serviu de lente para essa nova possibilidade de olhar, para o autor:

(...) atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. Nomear o que fazemos, em educação ou em qualquer outro lugar, como técnica aplicada, como práxis reflexiva ou como experiência dotada de sentido, não é somente uma questão terminológica. As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras (LARROSA, 2002, p.21).

Larrosa convida a olhar a relação entre a palavra e o sentido, essa relação de pertencimento que se estabelece, com a vivência de seu significado, com a experiência

que esse processo produz. A ideia de um curso de formação passa a estabelecer um novo olhar, começa a desconstruir a ideia de engessamento tornando-se um local de abalo das certezas. Não um lugar de onde se sai pronto e acabado.

E nesse aspecto, o curso de formação deveria ser construído de maneira a se tornar algo significativo na vida de quem dele viesse a participar. As temáticas ali desenvolvidas deveriam construir relações de pertencimento, trazer novas vivências e produzir novas experiências. E nesse processo provocar o estranhamento, propor que se dê um passo atrás na busca de novos ângulos de olhar para uma dada situação. Era importante que se deixassem atravessar pelos discursos, pelas imagens e pelas sensações despertadas, enfim, transformar o curso de formação em uma *experiência*, no sentido proposto por Larrosa (2002):

(...) É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (...) Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação (...), mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional (...). (LARROSA, 2002, p. 25-26).

Dessa maneira, construiu-se o Curso “Sexualidades e Relações de Gênero na Educação”, um dispositivo que buscou legitimar o espaço educacional como um lugar de (des)construção dos múltiplos discursos em torno da temática. Temática essa, atravessada por uma variedade de discursos naturalizados e invisibilizados, produtores de comportamentos e posturas preconceituosas e intolerantes, que muito vêm contribuindo para a produção de um cenário de violência e intolerância.

Assim, observando os comportamentos e as posturas, era preciso compreender o que trazia os sujeitos a um curso de formação com essa temática. No primeiro encontro os/as participantes apontaram o que os/as moviam a estar ali:

“A necessidade de saber lidar com as situações que surgem no dia a dia na escola relacionadas ao tema”. (Participante B).

“Dúvidas, me preparar para trabalhar com o assunto, a necessidade de conhecimento”. (Participante C)

Foi possível perceber, dessa maneira, que a procura do curso diz de um anseio pessoal dos/as cursistas por posicionarem-se, como sujeitos, em relação aos jogos de verdade com os quais são inevitavelmente envolvidos. A procura de saber, conforme aponta Michel Foucault (2010), parece dizer de uma postura ética, ou seja, de uma prática refletida de tais professores/as. Pela grande movimentação de desconstrução, de deslocamento e de engajamento dos/as participantes, parece estarmos diante de sujeitos investindo em si próprios, cuidando de si, praticando sua liberdade, fazendo um “exercício de si sobre si”.

Foram muitas as vivências ao longo do curso. Um processo que permitiu um desvencilhar das amarras discursivas prontas, um processo que fez com que muitos/as olhassem para suas práticas pedagógicas por outro ângulo, como mostram as falas:

“O curso diferente do que eu esperava, me fez antes de pensar em mim enquanto pedagogo, eu me repensar enquanto ‘ser’ construído historicamente e qual a minha função enquanto educador frente a essa temática na escola”. (Participante D).

“As primeiras mudanças aconteceram no campo pessoal. (...) Agora, tenho um olhar mais atento e aproveito as oportunidades para discutir esses assuntos, refletindo e orientando reflexões”. (Participante I).

“Entrei no curso, passando por um dos períodos mais complicados da minha vida e acredito que não seja por acaso. E compreender a forma como os homens foram criados para o machismo e as mulheres para a submissão, foi o principal aprendizado adquirido durante o curso, que me fortaleceu, me empoderou e esclareceu grande parte dos problemas pelos quais estava enfrentando”. (Participante L).

Nessas falas percebe-se que o curso serviu de dispositivo para um processo de formação pautado na construção de relações de pertencimento com os temas abordados, além disso, tornou-se uma tecnologia de formação, de vivenciar e transformar-se por meio da experiência ao multiplicar a possibilidade de olhares e caminhos para o dia a dia escolar.

Percebe-se, ainda, a eficiência de um curso com esse viés como um mecanismo de política pública, pois disparou possibilidades infinitas de desconstruções e reconstruções de discursos e sujeitos.

Mas as provocações de um curso terminam ao seu final?

“A INVESTIGAÇÃO E ESTUDO DO TEMA NÃO TERMINA JUNTAMENTE COM ESTE CURSO”: A FORMAÇÃO COMO INVENÇÃO DE SI.

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1986, p. 60).

A formação não é um ponto de chegada, mas um processo. Uma travessia como sugere Guimarães Rosa na epígrafe. Parece-nos pertinente pensar a formação como um processo que, como tal, nunca está finalizada ou “pronta”. Um processo repleto de possibilidades que vão muito além de qualquer formação, seja graduação, pós etc.

A docência é rodeada de representações que envolvem sonhos, ideais, posturas, “habilidades” e tantos outros referenciais que povoam, de múltiplas maneiras, os corpos daqueles/as que se aventuram com a profissão. Em meio a tantas possibilidades, parece ainda conviver e fazer parte do referencial de muitos/as profissionais, a ideia de estar pronto para lecionar. Os estudos pós-estruturalistas ajudam a desconstruir tal referencial ao apontarem para a fragmentação e incompletude dos sujeitos na atualidade (HALL, 2011) e daí o risco de imaginar-se pronto ou acabado como sujeito

ou profissional formado.

Para longe da ideia de completude, o curso parece ter permitido aos participantes compreenderem a possibilidade da permanente (des)construção de si. Mostrou a potência das dúvidas, dos questionamentos e das inseguranças. Provocou abalos e outros olhares, talvez, mais atentos, às normalidades, às padronizações e às formas como os sujeito por meio das suas relações. As falas a seguir são bastante sugestivas em relação a isso:

“As temáticas e a maneira como foi abordada, permitiu reflexões aprofundadas de comportamentos já estabelecidos, desconstruções de preconceitos e busca por valores de empatia”. (Participante N).

“Alguns aprendizados em nossas vidas são bons, outros excelentes. Porém, o curso foi um marco transformador, posso dizer que a pessoa que iniciou o curso em março está bem distante da pessoa que hoje responde a avaliação e por este motivo considero importantíssima a continuidade de cursos com a temática gênero e sexualidades, pois temos muito a refletir e aprender sobre a temática”. (Participante R).

O curso também apontou a vontade de continuidade, de novas buscas, de novos conhecimentos, um desejo de constantes diálogos, de reinvenções,

“Aprendi muito, porém gostaria de me aprofundar mais ainda. Construí uma nova visão das relações de gênero na escola e a partir disso venho fazendo interferências no meio cotidiano como professora”. (Participante G).

As provocações propostas tocaram de maneira significativa todos/as envolvidos/as. Foi muito instigante vivenciar com eles/as suas angústias, bem como, a transformação pessoal que todos/as puderam experimentar.

De uma ou de outra maneira, as falas apontaram para a grande pertinência da discussão e de sua relevância para a desconstrução de preconceitos, injustiças e desigualdades em nossa sociedade e escola,

“A principal dificuldade ainda é a introdução do tema nas instituições educacionais. A comunidade escolar ainda ignora o que seja ‘gênero e sexualidade’, já tem um pré-conceito formado sobre o tema. Mas entendi que posso trabalhar este tema, ainda polêmico, veiculado ao próprio conteúdo estudado, pois surgem dúvidas e questionamentos a cada minuto” (Participante P).

“Ainda encontro desafios (dificuldades) para trabalhar, pois não há um engajamento em todo o coletivo da escola. Porém, conto com um grupo significativo que não deixa ‘morrer’ nossos ideais!” (Participante M).

O curso contribuiu também para a construção de um novo olhar para a escola, para as próprias posturas, comportamentos e práticas: outros sujeitos, agora mais cuidadosos consigo e com o outro, retornando à escola.

“Eu retorno para minha instituição com o objetivo de levar a temática como frente de proposta de trabalho para as demais unidades e discussão para os demais educadores”. (Participante D).

“Agora sei um pouco mais como lidar com o tema, como tentar resolver os conflitos que surgem na sala de aula. Dentre os mais comuns estão o respeito às mulheres e aos homossexuais”. (Participante B).

“Acho que vou ficar ‘mais chata’ na visão de alguns, porque o discurso de não ficar problematizando, a atitude de dizer que não há preconceito agora, mais do que nunca, não passarão ‘batidas’ por mim. Meu olhar e meus ouvidos ficarão mais apurados a cada dia e buscarei melhorar sempre”. (Fala do/a participante F).

Outro aspecto que destacamos é a potência dos relatos e trocas com a comunidade LGBTTI, que colocou a importância das discussões em torno da homofobia e violência contra mulher ao destacar a relevância das discussões de gênero e sexualidades na escola, especialmente ao lidarmos com a chamada “Ideologia de gênero”, expressão utilizada por alguns grupos conservadores da sociedade com intuito de desqualificar os estudos de gênero, contribuindo para manutenção de preconceitos e de violências.

É importante salientar, ainda, a pertinência e a urgência da implementação de políticas públicas que visem e estimulem a construção de mais parcerias como a realizada para esse curso, visando a promoção espaços de formação, ou melhor, de espaços que coloquem formas em ação, em movimentos que podem levar à reinvenção de si e do mundo.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio** Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa. 5ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2001.

FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de si como Prática da Liberdade. In: **Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade e política**. Organização: Manoel de Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autan Dourado Barbosa. 2 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. Ed., 1. Reimp. Rio de Janeiro DP&A, 2011.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** jan/fev/mar/abr 2002, nº 19.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-092-6

